***2020: Um ano vintage***

***Acertar no vinte***

O nosso propósito para o ano pastoral 2019-2020 era o de “*acertar no vinte*”. E eis que o ano 20 do século XXI nos acertou em cheio, com esta pandemia que leva já nove meses de gestação e está a dar luz, na Igreja e no mundo*, um tempo novo*, não diria “*um novo normal*”, porque essa expressão vive ainda do passado como referência. E não me parece que devamos sequer viver o tempo presente, como um *intervalo escuro ou um tempo para esquecer*, uma espécie de *penitência tarifada* para logo depois retomar as velhas alegrias (melhor dizendo, *as velharias*) e as seguranças do tempo da programação organizada. Esse tempo velho caiu de maduro e deu lugar à surpresa e à aprendizagem de nos contentarmos, agora, por atravessar o desértico nevoeiro da pandemia, em regime de itinerância, apenas com o *pão de cada dia*, segundo a graça e “*a mística do instante*”. Vivamos, pois, este tempo, como um *kairos*, uma graça e uma oportunidade de crescimento, para um salto criativo e qualitativo na nossa vida eclesial, que às vezes avança mais por empurrão das circunstâncias do que por adesão à ação do Espírito Santo. De algum modo as experiências, mais ou menos acertadas ou assertivas, deste tempo gestacional são um bom “*ensaio geral*” para uma Igreja, cuja lentidão reformista foi acicatada pelo efeito acelerador que a pandemia provocou e destapou.

***O meu programa é não cumprir o meu programa***

Para começar, esta foi a minha principal obra de conversão pastoral, desde março para cá: a de não programar o tempo da graça. Viver a graça de cada dia, de cada hora, deste tempo, acolhendo a visita inesperada dos que se cruzam connosco, correspondendo aos “*pedidos na hora*”, descobrindo novos recursos humanos e operativos, subalternizando a tarefa agendada e a reunião marcada. Estar disponível para as surpresas de Deus, de modo que o meu programa seja precisamente o de não cumprir o meu programa, foi a aprendizagem mais violenta e mais graciosa que fiz desta longa pandemia. E com isso tive de aprender a desaprender tudo o que sabia fazer. E quem não desaprendeu com a pandemia não apreendeu nada da graça deste tempo, que há de marcar a divisória do antes e do depois… de muita coisa.

***Mundo digital, um aliado da nova evangelização***

Neste contexto, em que o distanciamento físico se tornou-se um dever ético, pareceu-nos claro, que era preciso lançar mão de novas ferramentas pastorais, sobretudo as do mundo digital. A internet, com os seus múltiplos recursos, sítios, aplicações e as suas poderosas redes sociais, tornaram-se os nossos principais aliados da nova evangelização. Da nossa parte, procuramos despertar nos agentes pastorais o dever de continuar a evangelizar, formando, acompanhando e alimentando os seus grupos, pela via digital. A Catequese saiu do seu *gueto* escolar e, por via digital, ganhou força e criatividade, envolvendo muito mais as famílias. Os modos e conceitos de corpo, de presença, de pertença e de participação estão em mutação. E não podemos ignorá-los em nome de uma encarnação, que não passa de um obcecado “*fisicismo*” pastoral*.* Quando falamos da presença real de Cristo, quando falamos da Igreja *Corpo Místico* de Cristo, quando falamos da *comunhão dos santos*, devíamos ser mais cautelosos na absolutização da presença física e reaprendermos toda uma nova gramática dos afetos, da relação, da comunicação e da comunhão pessoais e eclesiais.

***Pais, ministros do culto familiar***

O tempo da pandemia revelou que à medida que se fechavam os templos se multiplicavam as “*igrejas domésticas*”. Sugerimos, desde a primeira hora, um Guião para a oração dominical em família. É preciso que as famílias se redescubram e se ativem, como igrejas domésticas, deixando que os pais se assumam como verdadeiros “*ministros do culto*” e guias da celebração, segundo a sua condição batismal e matrimonial. Muitos temem que a multiplicação das Igrejas domésticas enfraqueça a Igreja, como grande família. Estou em crer que iremos precisamente numa direção contrária e que não vale a pena remar contra o vento, mas *apajar* enquanto venta, reforçando os elos da transmissão familiar da fé. Os ritmos e hábitos dos fiéis estão a ser reconfigurados e sem reversão. Mas os nossos ritmos celebrativos e os nossos calendários litúrgicos permanecem intocáveis! Acredito que o encontro presencial dos fiéis na vida e nas celebrações da comunidade paroquial tenderá a ser menos frequente, mas mais festivamente vivido. Os que deixaram de vir à Missa, ou porque vinham por hábito, ou porque se contentam com transmissões à distância, passam, nesta crise pandémica, pelo crisol da autenticidade da sua fé. Se não voltarem, é porque talvez nunca tenham vindo de corpo e alma. O vírus também serve para testar o quilate da nossa fé.

**A bênção dos incómodos**

Uma das bênçãos maiores deste tempo de pandemia, com restrições súbitas e inconstantes de circulação e ordens de recolhimento obrigatório, foi predispor as comunidades para a mudança. Abre-se também, por aqui, uma janela de oportunidade, para uma reinvenção da celebração da fé, em outros modos, em outros dias e em outros horários. Se não cedêssemos à pressão dos "pedidos" e dos "direitos a ter Missa" talvez já tivéssemos desenvolvido outras formas celebrativas (liturgia familiar, liturgia das horas, liturgia da Palavra, adoração eucarística etc) e já estariam implementados outros ministérios laicais, como os de leitor, de acólito, de animador das ADAP (Assembleias Dominicais na Ausência de Presbítero). Pode ser que seja desta. Com as novas tecnologias é ainda possível reunir várias comunidades sintonizadas entre si e com o seu pastor, a partir de uma determinada comunidade em celebração presencial, garantindo, por outros ministérios, a congregação das suas comunidades e o acesso dos fiéis à comunhão eucarística. Seria altura de *ensaiar* também experiências deste género.

***A luta pelo luto***

Julgo que este ano de 2020 também deixa feridas, sobretudo no campo da celebração da morte, que foi praticamente clandestinizada. Daí a importância não só dos ritos funerários, como do acompanhamento espiritual, em todo este processo de elaboração do luto. Não desistir de presidir às exéquias, nem que seja à chuva e com os pés na cova, para acompanhar os enlutados, foi uma das grandes lutas deste tempo. E dos momentos mais dolorosos e significativos do ministério pastoral, em que pelo menos, por aí, podemos ainda sentir o cheiro das ovelhas.

***Beber para não esquecer***

Com tudo isto, 2020 deixará marcas inapagáveis que não se podem reverter. E como este ano de 2020 é *vintage*, a receita para o merecer há muito foi dada pelo Senhor Jesus: “*para vinho novo, odres novos*” (Mt 9,17). Bebamo-lo, na passagem de ano, para não perder uma gota da sua graça. Bebamo-lo, pela taça da alegria ou pelo cálice do sofrimento, para nunca mais o esquecer. Este 2020 é bom e «boom» de mais, para o deitarmos a perder, *em odres velhos*, que já não suportam a gravidade e a novidade desta hora. Afinal 2020 é um ano *vintage*! Ainda o havemos de bendizer.

Pe. Amaro Gonçalo

Pároco de Nossa Senhora da Hora

…………………

**BIOGRAFIA**

AMARO GONÇALO FERREIRA LOPES nasceu em Eiriz (Paços de Ferreira), em 1966, e é padre da Diocese do Porto desde 1991. Foi Educador no Seminário do Bom Pastor, em Ermesinde, no diaconado e no primeiro ano de presbiterado. Foi pároco de São Gonçalo e de São Veríssimo, de 1992 a 2008, e, nos dois últimos anos, em Amarante, Diretor-Adjunto do Colégio de São Gonçalo. É, desde 2008, pároco de Nossa Senhora da Hora, em Matosinhos e integra a Equipa Diocesana de Coordenação Pastoral para o triénio 2019-2020/2021-2022. É Capelão do Hospital Cuf Porto. Licenciado em Teologia, fez pós-graduação em Educação da Sexualidade e concluiu, em 2014, o Mestrado em Ciências da Educação. Tem desenvolvido, a partir da sua experiência pastoral, uma presença influente, partilhando ideias, reflexões, materiais e subsídios pastorais, através do site da sua paróquia e das redes sociais. Tem publicados diversos trabalhos de interesse, no âmbito da dinamização bíblica e de outras áreas da pastoral.